

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Editor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORCA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.768

Sexta-feira, 29 de Agosto de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração, Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — das Atalaia, 111

O povo não pode pagar
o pão mais caro
O ministro da Agricultura
não deve fazer o
jogo da Moagem

O PÃO CARO

O ministério da Agricultura está transformado numa sucursal da Moagem

Parece, à primeira vista, que o ministério da Agricultura se criou para se intensificar a produção agrícola, resolvendo, ou pelo menos, atenuando vários problemas de vital importância para a alimentação do povo. Sobre esse ponto de vista, como de resto sobre outros, não há ministério que menos se justifique e tamenha. Até hoje, não contribuiu para que se cultivasse mais uma pologada de terreno.

As únicas vantagens que aquele ministério oferece condensam-se na sua parasitação inútil de directores gerais, que na maioria dos casos exorcem, simultaneamente, cargos bastante elevados nas moagens, nos seus arremados, umas moagens que se governam maravilhosamente das opulentas migalhas que caem do faustoso banquete da Moagem.

O ministério da agricultura, até hoje, só tem tido como função principal consentir à Moagem que roube os consumidores e, ao mesmo tempo, os envenene. É uma secretaria da Moagem que expõe ao público avisos que sempre repetem e que sempre se tornam a mais não ser «cagradáveis». O último aviso sobre a magna questão do pão é igual aos primeiros: que o pão, não prestando e sendo caro, vai tornar-se intragável e catar caríssimo. O actual ministro da agricultura entendeu por bem não quebrar a tradição do seu ministério.

Como ontem referimos, o sr. ministro da agricultura mandou chamar a C. G. T. para lhe comunicar o novo premeditado anúncio do preço do pão, depois de paradoxalmente lhe ter exposto razões que conduziam à melhoria do pão e ao seu embaratecimento.

Os consumidores têm pois contra si, o ministro da agricultura e a Moagem, combinados e concordes em mais lhe dificultar a vida. Desta dupla investida tem de preparar-se para se defender, sem demora, a não ser que prefram o envenenamento e a fome.

Atitude da União dos Sindicatos Operários

A comissão administrativa da U. S. O. entrevista hoje o sr. ministro da Agricultura para ouvir sobre o projectado aumento do preço do pão e fazer-lhe sentir que os salários dos trabalhadores não têm subido de modo a permitir esse aumento que mais vem perturbar a vida do país pelo agravamento das condições económicas de todo o povo.

Nesta emergência, a comissão administrativa da U. S. O. lembra a todas as classes a convivência de se manifestarem sobre este grave problema de modo que o pão não possa ser aumentado ou que a seus salários sejam elevados em conformidade com as necessidades da vida.

A IMORALIDADE DOS TOUROS

A vergonha das vergonhas — O culto da barbaridade

Como se cria o ânimo para execuções como a dos Olivais

A caridade que foi sport deleitável de mandriões enriquecidos e aristocráticos tornou-se refúgio predilecto de hipócritas e de canálias. Para que esta alínea encontre na realidade, expressão concreta, basta evocar tóda a esplêndida feita com a miséria dos fracos: — a miséria dos velhos, das crianças e dos cegos. Colocou-se o problema com uma brutalidade selvagem que a ninguém deixou dúvidas. Se queriam ver a miséria que vive dos assilos, liberta de necessidades rudimentares, tinham de conseguirem que no Campo Pequeno se assassinasse um touro.

Foi esta a caridade dos miseráveis cretinos, dos nojentos bijedes da última tourada, repugnantes êles, repugnante a sua caridade, uma caridade que surgiu ameaçando a miséria de estoirar de espada nua apontada ao seu peito descarnado; uma caridade que envia a miséria um «ultimo». Esta caridade de selvagens é perigosa à vida, é inimiga, «inimica» de todos os pensamentos rectos, E' uma caridade de salteadores, é uma caridade de assassinos.

Nunca vimos a palavra caridade que tem sido a capa de tantos ladrões e tautos criminosos, tão enameada, tão aquerosa, tão nauseante.

Entrou em moda chamar-se à apologia do crime — caridade. Se ela temia a ser o refúgio de todos os maus instintos, a expansão formidável de todas as cobardias, dentro em breve veremos assassinar não já um touro, mas um homem para poupar uma lágrima que bem pode ser hipócrita.

E' preciso arrancar a máscara a todos estes miseráveis, colocar corajosamente a verdade em toda esta comédia, dar aos actos e aos individuos que praticam os seus verdadeiros nomes — só os nomes que merecam.

Que importa que os adjetivos não pertençam à linguagem nobre? Quanto mais violentos êles forem, melhor. Todos servem, desde que exprimam com o maior vigor, a condenação energica, viril dum bando de tafuns e dum multíplice de acelãos. Ponhamos de parte todas as peças que impeçam de dar exteriorização verbal aos nossos pensamentos e aos nossos sentimentos. Se as palavras forem demasiado energicas e os atingidos se deem por ofendidos, por sofredores de todas as ofensas, mesmo mortais, recordemos-lhes que uma ofensa à sua dignidade humana aparentemente é apenas uma afinalada leve, em troca de profunda punhalada que infligiram ao nosso coração e ao nosso espírito.

Amanhã teremos de presenciar a execução de inquilinos — senhores da miséria.

Ainda o Pepe

O Pepe Luis pertence ao número dos jesuítas: pela sua esperteza e hipocrisia argumentação. No intuito de salvar a tourada dos protestos das pessoas que vivem da consciência e não dos instintos, insinua que era melhor combater os vícios, entre êles o da prostituição e do jongo.

O tru桔 é velho. Se a prostituição é atacada, surge um Pepe a insinuar que era melhor atacar o jongo. Se se ataca o jongo, vem outro Pepe gritar que é estúpido atacar o jongo quando a prostituição é um flagelo mais pernicioso e degradante.

De modo que, a dar ouvidos a estes Pepes de incomensurável moralidade, nunca se atingiria, nem com um remoque, nem com uma flor, nenhum dos vícios.

Há, realmente, um lapso: é atacar os vícios, poupando os Pepes que os defendem, quando deles não vivem...
sr. Mota

O sr. Mota Cabral é que não está, com meias palavras, Joga franco e decidido. Não mistura caridade com touros. Não senhor. A sua tese é franca, rude, brutal. Quem tem chifres — dentro de certas espécies animais — tem de pagá-los, caro e com a vida, numa arena, por meio dos artifícios da «arte de Montes». Dentro dessa ideia o sr. Mota Cabral é um suggestionado singular. Vê chifres por toda a parte na Sociedade das Nações, nas coisas triviais da vida e na aviação. E, isto com argumentos ríjos, impossíveis de desmentir. E' que há chifres tan duros que nem com grande esforço e boas lâminas raspan. Estão neste caso as suas solidas e corpuulentas razões no Diário de Lisboa de ontem...

INQUILINOS - SENHORIOS NOTAS & COMENTARIOS

Com

o

se

ganh

sem

trab

alho

nom

capit

9.800\$00

A raça exploradora dos inquilinos-senhoriços, com a crise cada vez mais agravada das habitações, longe de se extinguir, vai proliferando. Continuamente, veem a esta redacção as últimas díceses exploradoras referir coisas revoltantes que ficam quase sempre impunes, a não ser que um assomo de vergogna dos hóspedes resolva em último recurso, impor o respeito pelos seus direitos sagrados.

Hoje arquivamos mais caso de exploração e damos à estampa o nome da dona exploradora:

Na rua Barão de Sabrosa reside Maria José Duarte — que tem de alugar três andares, — o 1.º, o 3.º e a loja.

Evidentemente que esta criatura não ocupa os três andares, antes os alugou para os sub-aluguer em quartos. O rendimento da sua exploração atinge, anualmente, a linda soma de 9.800\$00. Longe de se contentar com este bonito lucro, conseguido sem capital, sem canecas, sem trabalho, pretende aumentá-lo, a custa dos hóspedes já se vê. Começou já a ovensa contra os do 3.º andar e alguns do primeiro a quem preveiu que, no fim do mês, lhes exigiria o insignificante aumento de 50%.

Os hóspedes que já estão pagando quantias elevadíssimas resolvem opôr-se a esta nova extorsão, no que procedem muitíssimo bem. Mas, a Maria José Duarte entende que os hóspedes não devem reclamar, mas vergarem-se, à sua enigmática vontade, submeterem-se à sua atrevida ganância. Como tal não despediu-os.

Os hóspedes deliberaram não sair assistindo-lhe, nessa atitude, tóda a rasão. Os operários Vasco de Almeida e Vítoriano que residem no alugado 3.º andar vieram referir-nos o que relatamos.

Pormenor saliente: um desses operários paga por dois quartos: 100 escudos. A renda completa desse andar é de 50 escudos. Só com esse hóspede, o referido andar rende-lhe 100%!

Um aviso da U. S. O.

Sobre a questão do inquilinato a U. S. O. chama atenção de todo o inquilinato para a local publicizada em «A Batalha» de anteontem, não sendo deuses repetir que os inquilinos se devem opôr às manigâncias dos senhorios visto que a lei só passados três dias de publicada no «Diário do Governo» é que entra em vigor e sendo necessário depois disso, para elevação das rendas, notificação judicial feita pelo senhorio no prazo de dez dias.

Entre tanto aguarda-se a publicação da lei para melhor ser apreciada.

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

CRÔNICA DO PORTO

A falta de água

A Câmara Municipal amancebada com a Companhia não defende os interesses dos consumidores

PORTO, 26.—A questão do abastecimento das Aguas ainda não se resolveu. Já mais se resolverá com uma democrática Câmara da natureza da que possuímos actualmente.

A «Compagnie générale des eaux pour l'étranger» continua ovante no seu irrepeito à letra do contrato. O venerável município persiste na preguica de chamar à ordem. Estão perfeitamente amanebados...

Pelo menos, refletemos. E' o único direito que nos assiste, o exclusivo desabafado que nos resta...

A «Compagnie générale des eaux» tem o «direito de vender fora da cidade as águas que tiver introduzido nas suas canalizações.»

Mas este direito só lhe assiste desde o momento que esteja insufisimavelmente verificado que o abastecimento da cidade está completo.

Caso contrário, a Compagnie não pode dispor das águas que «forem exigidas para o consumo da mesma cidade.»

A Compagnie esquecer-se-ia desta impóroa cláusula? A Câmara desconhecerá este preceituado na lei contractual?

Está sobejamente provado que a «Compagnie générale des eaux» não alimenta, com suficiência, as torneiras das fontes... e dos assinantes existentes à data. Está absolutamente demonstrado que uma grande parte da cidade não possui água encanada, mercê duma série de dificuldades que se apresentam aos requerentes. Está mais ou menos compreendido por toda a gente que uma dessas dificuldades se fundamenta na falta de contadores...

E todavia, o fornecimento tanto pode ser regulado por um contador, como por uma torneira de medição—se não nos mentem os n.º 2 e 3 da condição 35.»

Porque se não põe em prática o sistema de torneira de medição (regulador), já que os contadores não abundam?

Porque à «Compagnie générale des eaux» não lhe convém; porque a Câmara não é uma instituição criada para a defesa do público; porque, detrás de tudo isto, talvez possa existir algum interesse intermediário...

Não se facilitando, esmo seria de justiça, para que todo o cidadão possa ter encanados os 100

C. V. S.

No Reichstag

deram-se scenas de pugilato entre comunistas e nacionalistas

BERLIM, 28.—Entre os deputados comunistas e ultra-nacionalistas deram-se scenas violentas no Reichstag, chegando a lutas de pugilato. O presidente mandou suspender a sessão por algum tempo para acalmar os ânimos. Ao recomeçar novamente mandou sair da sala os agitadores. Tendo os comunistas oposto resistência a esta decisão, o presidente ordenou que fossem levados entre agentes da polícia.

Depois foram finalmente aprovados os acordos de Londres por 240 votos dos socialistas e partidos conservadores contra 171 dos nacionalistas e comunistas e populares. Faltaram portanto 34 votos para a maioria necessária.

O presidente Ebert assinou já o decreto dissolvendo o Reichstag. Ainda continua sendo uma incógnita a atitude definitiva a tomar pelos nacionalistas. Entretanto, uma reunião dos representantes regionais do partido nacionalista rejeitou por 39 votos contra 4 os projectos de Dawes, aplaudindo a atitude do chefe Bergl.

Os desastres ferroviários

Da enfermaria de Santo António, do hospital de São José, saiu com alta José Maria Nunes, de 41 anos, estivador, residente na rua do Procissão, 81, 2.º, uma das vítimas do choque de comboios na Lamarosa.

O agente Henrique da Silva, da 4.ª secção, esteve ontem no hospital de São José ouvindo o visitador de máquinas da C. P., Augusto Lopes Dionísio, uma das vítimas do choque em Belém, não podendo ainda ter sido ouvido o maquinista Sancho dos Santos devido ao seu estado.

O cadáver do engenheiro Augusto Carlos da Cunha, foi ontem removido do hospital de São José para a Morgue devendo ser hoje autopsiado.

O seu funeral é amanhã, a hora ainda não determinada.

Os que morrem

Francisco Carlos Parente

Faleceu ontem, pelas 20 horas, o sr. Francisco Carlos Parente, comandante dos bombeiros municipais.

O sr. Francisco Carlos Parente, que nasceu em Lisboa em 30 de Outubro de 1873, foi nomeado comandante interino pela C. M. L. em 8 de Janeiro de 1914, deixando de exercer esse cargo por ter sido reintegrado o comandante Emílio Lino da Silva Júnior.

Foi louvado pelo zélo, superior critério e dedicação com que desempenhou o cargo de comandante do Cörper, por deliberação da Comissão Executiva de 14 de Maio 1914. Nomeado comandante interino do Cörper por deliberação da Comissão Executiva em 22 Julho 1914 e nomeado comandante efectivo por deliberação da Câmara em 7 de Agosto 1914.

Louvado, assim como toda a corporação, pelos serviços prestados, com risco de própria vida, na extinção do incêndio ocorrido em 10 de Outubro na sede da Companhia do Gáz.

Louvado em sessão da Câmara de 19 de Abril de 1916 pelos serviços prestados na extinção do incêndio, em 18 do mesmo mês, no Arsenal de Marinha.

Louvado em sessão da Câmara de 31 de Dezembro 1918 pelos serviços prestados por ocasião dos funerais de Sidiño País.

Condecorações: Grande Oficial da Ordem de Cristo, pelos serviços prestados no incêndio do Terreiro do Paço (encomendas postais); Cavaleiro da Ordem da Coroa de Itália; pelos serviços prestados no edifício da Legação da Itália em Portugal, quando do incêndio que se manifestou no antigo teatro do Ginásio em Novembro de 1921.

Trabalhadores: Lede à BATALHA

O conselho de ministros

e a melhoria de vencimentos

O conselho de ministros esteve ontem reunido na secretaria do Interior, desde as 9 até cerca das 13 horas. Segundo nota oficina continuou apreciando vários aspectos da administração pública e mais particularmente o pagamento dos vencimentos melhorados e melhorias dos meses de Julho e Agosto últimamente votadas pelo Congresso da República para o funcionalismo público.

Sobre este assunto, tendo em vista as possibilidades do Tesouro e as condições das diferentes categorias de funcionários resolvem o governo a pagar os vencimentos melhorados a todos os funcionários e, sendo possível, a melhoria do mês de Julho até à categoria de terceiro oficial; pagar no mês de Outubro a melhoria de Setembro áqueles funcionários e a melhoria de Julho às categorias superiores; pagar no mês de Novembro a melhoria de Agosto a estas categorias, ficando assim no fim de Novembro liquidado o pagamento das melhorias atrasadas. Resolvem também que nenhum ministério promova o processamento de folhas de novos vencimentos sem que sejam trazidas a conselho de ministros.

O conselho não se ocupou da questão do acordado com a Companhia dos Tabacos, porque o ministro das finanças ainda não recebeu o parecer da Procuradoria Geral da República acerca da sua suspensão.

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão organizadora do III Congresso, conjuntamente com a comissão administrativa do «Labor Proletário».

Anatole France em perigo

PARIS, 28.—O estado de saúde de Anatole France é bastante grave, entre tanto os médicos esperam salvá-lo.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Reúnem hoje, pelas 21 horas, em conjunto, os delegados das secções e a comissão administrativa.

Secção metalúrgica.—Reúne, em assembleia-geral, no dia 2 de próximo, pelas 21 horas.

A BATALHA

A maior maravilha é o descarrilamento do COMBOIO N.º 6, todas as noites no Teatro Apolo

Vida Sindical

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Teve este secretariado a comunicação pela família do operário metalúrgico Hilário Gonçalves, que este se encontra preso desde segunda feira passada, sempre que a mesma saiba onde ele se encontra, não tendo também o Secretariado comunicação dimanada do respectivo sindicato nesse sentido.

Também foi informado o Secretariado de que ainda se encontra sem fiador na imunda prisão de Santarém o operário José de Almeida Figueiredo e que agora está no segredo da mesma prisão.

A todos os organismos se comunica que este Secretariado está analisando com o todo o cuidado, por parte dos advogados, a nova lei do inquilinato para muito breve esclarecer o que a mesma li representa.

U. S. O.
Comissão Administrativa.

Reúne hoje pelas 22 horas,

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil.—Reúniu a comissão administrativa para dar andamento a vários expedientes, sendo lidos ofícios de vários sindicatos aos quais foi dado o devido andamento, resolvendo-se baixar alguns ao conselho federal para ser dado o devido andamento. Foi relevado convocar a reunião do conselho para a proxima terça-feira 2 de Setembro.

Litografos e anexos.—Reúniu a comissão administrativa que deu despatcho a vários expedientes, dando-lhe o devido destino. Lamentou a não comprovação do conselho oficial, pois que há casos de grande interesse a resolver e que só se resolverão com a comparsa dos membros do mesmo. Tomou também conhecimento dos trabalhos encetados pela Federação da Livre e do Jornal com os quais está de pleno-côrdo e resolvem mais dar-lhe o auxílio que queriam para levar por diante o levantamento da família gráfica. Chamou a atenção de todos os sindicatos para o estado em que se encontra a organização litográfica, pois que não é de molde com o momento crítico que atrevida a litografia.

CONVOCACOES

Federação Ferroviária.—Reúniu em assembleia geral, em 25 de corrente, nas suas sedes, rua do Paraiso, 1, 1.º, rua do Mirante, 51-A, 1.º, e rua de Camões, Casa do Povo, Pórtico.

A 18 horas prelejas e em grande número, trataram das reclamações gerais da classe, prescindindo, na rua do Paraiso, Joaquim José da Rocha, secretariado por Maria Josefa Tributes Ruiz e João Rodrigues Cassão; na da rua do Mirante, presidiu Henrique da Almeida Pinto, secretariado por Fernando Almeida Pinto e José Fortunato Coelho Torres; na do Pórtico, presidiu Francisco Henrique da Silva, secretariado por Luís de Queiroz e Fernando Francisco Correia.

Depois de larga discussão, nas referidas assembleias foi aprovada por unanimidade uma moção que tem as seguintes conclusões:

1.º—Insistir perante a companhia e o governo para que os vencimentos dos operários da «região» e extraordinários sejam aumentados condignamente e em harmonia com as reclamações aprovadas nas assembleias gerais de Lisboa e Pórtico;

2.º—Que vindo os operários dos tabacos há quase cinco anos reclamando melhorias que lhes têm sido concedidas mas de modo insignificantes dadas em resultado muitos operários vivem quase na miséria, e desde que o aumento de venda das marcas do tabaco motivou um aumento considerável nas retribuições da companhia e do Estado, justificando-se tornar as retribuições aprovadas em 1919.

3.º—Que em especial os operários da «região» reclamem dos poderes constituintes a proteção a que têm juntamente com a doutrina estabelecida nos artigos da lei do exclusivo dos tabacos;

4.º—Manifestar o seu descontentamento perante a companhia e o governo por não melhorarem convenientemente os vencimentos dos operários reformados, por ser a estas duas entidades que compete proteger aqueles infelizes em harmonia com a sentença arbitral de 1919;

5.º—Que a assembleia continue a depositar confiança nos delegados das classes e lhes dê a mais completa liberdade e junto com a mesma empregar todos os meios ao seu alcance, indo até, se necessário for, às manifestações públicas até que seja dada completa satisfação às reclamações do pessoal dos tabacos;

6.º—Que esta moção seja publicada a fim de tornar conhecidas as razões que assistem à classe dos tabacos.

Congresso Nacional dos Operários da Indústria de Calçado, Couros e Peles

Comité do Norte

Na reunião efectuada por esta comissão, foi apreciado o ofício da comissão organizadora sobre a propaganda a desenvolver no norte do país, pôr realização do Congresso, constatando-se a insuficiência da verba destinada a essa propaganda, resolvendo porém iniciar no próximo domingo, 31, enviando para isso a Vizela dois delegados afim de conseguir a adesão ao Congresso dos operários manufaturadores de calçado daquela localidade.

O resultado, como facilmente é de prever, foi o mais satisfatório possível: assim como alguém, com as célebres subsistâncias da Câmara conseguiu impor, afortunada e monetariamente falando assim também o «ex-piobinho» Adriano Maia pôde milagrosamente multiplicar os «pés» da sua abotoada riqueza...

Hoje é um nababo—mas ainda não é muito importante.

Apresenta a seguinte moção: «As juntes de freguesias de Lisboa, reunidas em assembleia, magno, depois de ventilado o assunto aumento das tarifas da carreira de ferro, resolvem: Esperar que a Câmara Municipal de Lisboa defende a negação do seu consentimento para tal aumento;

2.º—Que uma comissão saída desta assembleia, vá junto da vereação municipal contra a nova elevação de tarifas que a Companhia Carris de Ferro intenta elevar.

3.º—Que dando cumprimento a uma das cláusulas do primitivo contrato entre a Câmara e a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, obriga esta a estabelecer de novo os chamados carros do povo, com carroiras para os pontos mais longínquos da cidade, desde as 7 às 10 horas e das 17 às 20 horas, e finalmente

4.º—Que a mesma vereação autorize a livre indústria de carroiras por tracção animal, estabelecendo a concorrência contra uma companhia que, monopolizando o serviço de viagem em Lisboa, se tornou num perfeito Estado dentro de outro Estado.

O sr. Carlos Argent e Joaquim Gil manifestaram-se de acordo com a moção apresentada pelo sr. João Camões e protestaram contra a atitude da Companhia, tratando também da carestia da vida e referindo-se seguidamente ao aumento do preço do pão.

O sr. Dário Novo diz que a junta de freguesias das Merebas afirma dar o seu apoio à Câmara Municipal no sentido de coadiuvá-la na resolução do problema do aumento de tarifas, que não seja justificativa e que portanto não deve ser consentido.

O sr. João Gonçalves, referindo-se ao Comissariado dos Abastecimentos, dizendo que a sua ação não se faz sentir como seria de desejar, e informa que uma grande parte dos seus lucros, cerca de 1:200 contos, foram distribuídos pelos empregados com prejuízo do povo.

Ora isto não deve continuar—exclama o orador.

Sobre vários assuntos falaram ainda alguns oradores, marcando-se uma nova reunião para a próxima quarta-feira para os comissionados darem conta das suas demarcações junto do Governo e da Câmara Municipal.

A BATALHA

Diário sindicalista

AMANHÃ — Sábado

no EDEN-TEATRO

TELEF. N. 3800

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

da revista em 2 actos e 9 quadros

SORTE GRANDE

Original de Armando Neves e Lopes Soares, música de Luiz Filgueiras e António Benavente.

Respiração de Deolinda Sayal

Os compadres ANTONIO GOMES

(da Trindade) e AURELIO RIBEIRO.

Desempenho de toda a Companhia

OTELO DE CARVALHO.

Guarda-roupa de Jaime Valverde,

Senarios de Salvador Mergulhão, Rogério Machado e Luz e Almeida.

HOJE

Repete-se ainda

o belo drama

AMOR

— DE —

PERDIÇÃO

AS GREVES

Ferradores

Continua a greve dos operários fer

radores, os quais reunidos on

Donativos para a compra de material tipográfico

Transporte, 16.029\$46; Alberto Silva, 1000; Manuel Trindade, 1800; Vitor Garcia, 1800; A. C. Morais, 1800; Quintino Rodrigues, 1800; Anônimo, 1800; Correspondente de Almada, 1800; Joaquim Soares-Pôrto, 1800; José Bonifácio dos Reis, 1800; José Marques Gouveia, 2800; António Marques Gouveia, 2800; Ass. de Cl. dos Corridores de Solas, Cabedais e Artes; Correlativas, 2800; Ma. Luís Augusto, 2800; António Santos, 2800; Inácio Marques, 1820; Um militar assinou: leitor, 1800; Francisco Lourenço, 2350; Quete aberta à Associação dos Fáciais de Barbeiro, Pôrto, 5000; Felisberto Baptista, 2850; João José Martins, 3800.

Quete aberta na Fábrica Contraires: Luis Monteiro, 1800; João Margal, 1800; João Paixão, 1850; José Pais, 1800; Ambal Completo, 1850; Feliciano de Sousa, 1850; António Monteiro, 50; Júlio Guerreiro, 1800; Alfredo Marques, 1800; Manuel Borges, 1800; António Silves, 1800; António Fernandes, 1800; Francisco Vitorino, 50; António Calveiro, 50; António Duarte, 1800; Mário V. Lirio, 1800; José Alves, 1800; Almeirinho, 1800; José Martins, 30; António Martins, 30; José Duarte, 1800; Carlos Cebola, 1800; Adão Augusto, 1800; José Afonso, 1800; António Mário R., 50; Adelino Ferreira, 30; António Vilas, 1800; Eduardo Pinho, 1800; Adriano Ferreira, 1800; Manuel Vilas, 1800; José da Silva, 1800; Leonardo, 1800; Daniel, 50; Cesár Tavares, 1800; Manuel Luis, 1800; Cesár Tavares, 1800; Manuel Luis, 1800.

Quete aberta na oficina de Coelho de Almeida, — Manoel Lopes Cristo, 1850; Joaquim da Silva, 2850; António Gomes, 2850; José dos Santos, 1800; Joaquim Ferreira, 1800; António Augusto, 1800; Alvaro Gomes, 1800; Alfredo Mendonça, 50; Adriano Augusto, 50; Avelino Leal, 1800; José Coelho, 1850; José Nunes, 1800; Eduardo Martins, 1800; Soma, 1850.

Quete aberta por Manuel Lopes Cristo, — Júlio Silva, 500; Manoel da Costa Gouveia, 1850; Carlos Pinto, 500; Alfredo Martins, 1800; Soma, 1250. Quete aberta entre os operários da Armstrong Corp France-Marguena-Bernardo da Silva, 1800; Heilodoro da Silva, 1800; Bartoloméu António, 1800; Manuel Ribeiro, 1800; José dos Santos, 50; José Ribeiro, 50; Sebastião Sousa, 1800; Abel Ribeiro, 1800; José Correia, 1850; Manuel da Silva, 3500; Teodoro Teixeira, 1800; João Pereira, 1800; Martim José, 1800; António Tavares, 50; Gregório Almeida Feijó, 1800; Manoel da Silva, 50; João Alves de Almeida Silva, 50; António Pereira, 1800; Júlio Rodrigues, 1850; Cipriano, 50; Soma, 2050.

Quete aberta em Marrocos, (Contrabuítos em francos), — Eusébio Flores, 5; João Mestre, 5; Augusto Mendonça, 5; Manuel Cruz, 5; João Ramos, 5; António Gago, 5; João Costa, 5; Carlos Martins, 5; Manoel Costa, 5; Albino Borge, 5; — Soma, 50 francos, que ao cambio renderam, 85\$00.

Quete aberta na Meia Laranja, — Maia, 1800; António, 1800; Armando, 50; Augusto B., 1800; Marques, 50; Revoltado, 1800; Carlos J. Sousa, 1800; Cipriano, 50; Soma, 65\$00.

Quete aberta em Alpiarça: — José Cebola, 5000; Joaquim Moedas, 2500; J. A., 2500; Florêncio Matias, 2500; José Gomes, 1800; João José Dias, 500; Soma, 14500. A transportar, 16.648\$16.

As classes marítimas e a frota dos T. M. E. E' deveras lamentável que uma comédia tan indigna de ser apresentada em público se conserve no cartaz há tanto tempo, sem recio de que os milhares de espectadores, que a ela têm assistido contrateiros, se manifestem contra os autores da peça.

A comédia escandalosa da frota dos T. M. E. continha em cena, obrigatorio aos espectadores—essa multidão de homens trabalhadores do mar— a assistir a um espetáculo que têm de encarar, a pesar de nenhum aplauso concorrem para que ele continue.

Continuam as classes marítimas impacientes, cansadas de clamar e desdizidas de promessas que têm aguardado com aquela serenidade que só o homem do mar é dada. Têm-se efectuado os leilões da decantada frota, mas os devultos têm desempenhado tan mal o papel de que foram incumbidos que as vendas ficam sem efeito, aumentando assim mais e mais o número de tráficas sem par. Os navios que foram vendidos e as suas vendas foram legalizadas, continuam à mercê de quem de direito, nã se entregando aos compradores.

Alega-se que não há doçaria quando almoçam também doces mais do que suficientes para proceder à limpeza e beneficiamento dos navios; mas ad hoc é que têm sido feitas essas vendas que tristemente ainda vêm dar a irrisória nota e mais de incômodo pelas coisas que dizem respeito às classes que trabalham no mar.

Continuam os marítimos de Portugal a mendigar um dia mais feliz que os vejam abrigar da miséria e da fome com que há tanto tempo se tem debatido. Pasmou de admiração ao saber que o sr. ministro do comércio marcasse as vendas dos navios restantes só em Novem-

Policlínica da Rua do Ouro Entrada: Rua do Carmo, 98 Para as classes pobres

Clinica médica—Dr. Armando Narciso —A's 4 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar, —A's 4 horas.

Rins, cias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Pelos e sifílos—Dr. Correia Figueiredo—11 a 4 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loft—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Ferreira—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Fractura de diabetes—Dr. Ernesto Roma, —5 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Caucho e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Análises—D. Gabriel Beato—4 horas.

Dentes artificiais Importação directa

Muito mais baratos, colocados a prazo, a misticismo, sem despesa de extração e consulta.

BERNARDINO NUNES

Rua da Palma 40, l.

Ver o folhetim na 4.ª página

A BATALHA

na província e nos arredores

Aldeia de Carvalho

Uma importante sessão de propaganda revolucionária

COVILHÃ, 27.—Há já uns anno que não vamos a esta localidade, mercê das varias preocupações que nos inibem disso, além da falta de transportes que tanto se faz sentir.

Foi o acaso que nos impeliu a ir até ali, na companhia de alguns camarades, por nos chegar ao conhecimento de que estava preparada uma sessão de propaganda na qual tomariam parte os camadas que nos acompanhavam.

Percorridos os quatro quilômetros que separam da Covilhã, chegámos finalmente à Aldeia, aquela localidade que já uma ocasião nesas colinas nos referimos, relatando as impressões que colhemos quando dum curta visita.

Dirigimo-nos à sede sindical, onde se realizou a sessão.

Antes da hora marcada começavam a afluir à sala das sessões inúmeros trabalhadores de ambos os sexos, menores e adultos.

A's 21 horas é aberta a sessão, com regular assistência, sendo convidado a presidir António Quintela, secretariando Agostinho Escangalhado e Manuel Cunha.

O camarada presidente expõe os fins da sessão, termina dando a palavra a José A. Esgalhado, da secção téxtil de Aldeia de Carvalho, que salienta a grande necessidade de o operariado se organizar fortemente para assim poder resistir aos ataques que lhes são dirigidos pelo burgues.

No final do orador tratou de uns assuntos que se relacionam com o movimento da Secção, usa da palavra Francisco Alves da Costa, da Covilhã, que descreve a engrenagem da organização e demonstra quanto é indispensável robustecerem-se os respectivos sindicatos profissionais. Faz propaganda sobre a necessidade de organizarmos dos trabalhadores da indústria téxtil em Portugal uma Federação, demonstrando as vantagens que advém desse organismo nacional que em breve se torna um facto. Refere-se ao militarismo e à organização social da mulher, demonstrando a origem do malestar económico em que nós vivemos.

Há um ouïro que também tem prejudicado imenso os pôncos pintores que aqui trabalham, havendo ocasiões do trabalho dessa profissão escassar, porque é quasi todo assombrado pelo sr. Manuel Remador, nome porque é conhecido, dando lugar a que os verdadeiros pintores andem de braços cruzados.

Consta-nos que a Federação da Construção Civil muito tem instado junto do director da Alfândega de Lisboa que proceda contra os seus subordinados.

Porem, sua ex., ou não faz o que promete, o que duvidamos, ou se faz não é acertado pelo chefe da delegação, sr. Manuel Remador, nome porque é conhecido, dando lugar a que os verdadeiros pintores andem de braços cruzados.

Segue-lhe o autor destas linhas, que prefigurado-se à instrução dos trabalhadores, demonstra que estes nem insuflam poder fazer a revolução tan desejada. Diz que os sindicatos operários deviam manter nas suas sedes escolas racionais que ministrassem aos filhos dos associados uma inscrição pura, livre de peias, que contribuisse para o seu desenvolvimento intelectual.

Satisfaz por ver o grande número de crianças, afirmando serem estes os futuros soldados que lutaram pelo ideal sublime que a humanidade aínsa para o vê realizado. Defende o ideal libertário por ser esse o que mais reconhecidamente está provado pela ciência, que é onde todos os trabalhadores encontram as aspirações máximas das suas almas sedentas de liberdade, paz e amor.

Haverá quem diga que a propaganda que os idealistas revolucionários espalham por toda a parte é falha de lógica e não passam de utopias as suas doutrinas na qualidade de idealista defende as suas ideias em toda a parte onde se encontra e diz que aqueles são os que esperam ver realizada o seu sonho de egoísmo tornando-se vaidosos.

José Caetano Junior, demonstra largamente quais as vantagens do operariado se organizar tanto nacional dentro da C. G. T., como internacionalmente dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores. Diz que a burguesia também se organiza e com todas as suas armas espera esmagar-nos se os trabalhadores encontrarem as aspirações máximas das suas almas sedentas de liberdade ou algum pratinho de peixe espada.

E é para estes pântas receberem ordens pelo Estado que os ferradores pagam as suas contribuições para poderem exercer a sua profissão.

Outros, as entidades superiores de G. N. R., não só não proíbem que os seus subordinados exerçam várias profissões da construção civil, como ainda autorizam o segundo cargo ferrador a exercer a sua profissão como qualquer civil, pois que este diz que trabalha com autorização do comando geral. Isto não pode continuar assim. Isto é grave.

E se amanhã os ferradores desta terra, com toda a justiça que lhes assiste, se insurgirem contra esta canalha, temos a certeza, a certeza absoluta, que amanhã os rapazes imberbes sem importar das ordens dos seus superiores.

Outros, as entidades superiores de G. N. R., não só não proíbem que os seus subordinados exerçam várias profissões da construção civil, como ainda autorizam o segundo cargo ferrador a exercer a sua profissão como qualquer civil, pois que este diz que trabalha com autorização do comando geral. Isto não pode continuar assim. Isto é grave.

E se amanhã os ferradores desta terra, com toda a justiça que lhes assiste, se insurgirem contra esta canalha, temos a certeza, a certeza absoluta, que amanhã os rapazes imberbes sem importar das ordens dos seus superiores.

Refere-se ao deputado Catano de Menezes em ter apresentado no parlamento uma proposta para os presos por questões sociais serem entregues aos tribunais militares. Cómbole essa proposta e exorta todos os trabalhadores a protestarem contra tamanha infâmia no caso de ser levada à prática. Diz que uma honesta guarda de ganga não se pode misturar com um uniforme ensanguentado pelas numerosas vitimas que causam diariamente. E' pela abolição dos exércitos e pela paz universal.

João A. Esgalhado, em nome da Secção, agradece aos camaradas da Covilhã as palavras de incitamento que lhe vieram e apela mais uma vez para os trabalhadores de Aldeia de Carvalho no sentido de darem mais vitalidade à Secção.

Terminou a sessão no meio do maior entusiasmo, depois das 22 horas.

Esperamos que estas sessões sejam mais assíduas, porquanto há grande necessidade de se espalhar propaganda pelas massas que se conservam em plena ignorância.

Retirámos daquele localidade esperando muito brevemente ali voltar para mais detalhadamente dizermos algo das nossas impressões. —C.

SERRALHEIROS Oficiais para fabrico de fogões, pre-cisam-se. Arco do Bandeira, 129.

Apolo vê a magnifica peça cinematográfica «O combóio n.º 6», que ali tem obtido o maior êxito dos últimos tempos, mercê do seu admirável entrecho e do seu correcto desempenho. É tal o entusiasmo do público em vê as surpreendentes cenas da triunfal peça que muitas noites se têm esgotado por completo os bilhetes naquele casa de espectáculos.

Estreia-se hoje no teatro de Pombal, onde vai pela primeira vez, a Companhia Maria Malos-Mendonça de Carvalho, que ali realizará quatro espectáculos com as peças «Inimigos», «Malvadous», «A Sombra» e o «Comissário de polícia».

Notícias telegráficas recebidas ontem dão conta do ruinoso sucesso obtido no Rio de Janeiro, no teatro Réplica, Empresa José Loureiro, da Companhia de Revistas António Macedo, que desde a sua estreia com a revista «O Fado Corrido» até agora não deixou de provocar o maior interesse por parte do público fluminense e, em especial, da

criação mais brilhante.

Há muito tempo que uma revista a assinala tam grandiosos exito como o que continua obtendo «Rés-vés», no Rio de Janeiro, no teatro Réplica, Empresa José Loureiro, da Companhia de Revistas António Macedo, que desde a sua estreia com a revista «O Fado Corrido» até agora não deixou de provocar o maior interesse por parte do público fluminense e, em especial, da

criação mais brilhante.

Notícias telegráficas recebidas ontem dão conta do ruinoso sucesso obtido no Rio de Janeiro, no teatro Réplica, Empresa José Loureiro, da Companhia de Revistas António Macedo, que desde a sua estreia com a revista «O Fado Corrido» até agora não deixou de provocar o maior interesse por parte do público fluminense e, em especial, da

criação mais brilhante.

Toda a gente deve ir ao teatro

Lagos

Os soldados da guarda e os remadores prejudicando as classes operárias no exercício das suas profissões

LAGOS, 26.—Conquistamos progresso no programa que encetámos não podemos pois que a gravidade dos assuntos que constatamente nos aparecem fazem com que nós desviemos a nossa atenção da Associação das Senhoras da Caridade. Desta «benemérita» instituição ainda temos que falar, embora o tempo nos falte, mas como o que prometido é devido e nós consideramos devidos, visto que prometemos, esperamos ocasião mais propícia para tratar do caso.

Agora trataremos de apreciar um assunto que consideramos de alta importância e que passamos a relatar.

Alguns soldados da Q. N. R. e remadores desta terra, além da sua profissão de mantenedores da ordem, fazem com que se encontrem verdadeiramente indignos contra o caso.

Ferrador, sim senhor. Quem o nega? Pois o 2.º cabo ferrador da G. N. R. ferra todos os cavaleiros que se encontram verdadeiramente indignos contra o caso.

Ferrador, sim senhor. Quem o nega? Pois o 2.º cabo ferrador da G. N. R. ferra todos os cavaleiros que se encontram verdadeiramente indignos contra o caso.

Ferrador, sim senhor. Quem o nega?

fronte, uma tal série de assassinatos na mesma família causa horror... Perturba-se o espírito e causa-se de seguir o fio sanguinolento, único que nos pode guiar nesse décalo de crimes sem nome. Grande Deus! em que tempo vivemos nós?... O que verão nossos filhos?

— Quando não saiam os demônios do inferno, pequena Odila, os nossos filhos não poderão ver nada que excede o que estamos vendo; porque já lhes disse que os crimes de Fredegunda não se podem comparar com os de Brunehaut... E se soubesssem o que se passa a esta hora no esplêndido palácio de Chalons no Saône, onde essa velha rainha, filha, mulher e mãe de reis, vive em companhia de seus netos... Mas não... não me atrevo... os meus lábios recusam-se a referir essas coisas que realmente não têm nome.

Ronan tem razão. Pssam-se hoje no castelo da rainha Brunehaut horrores que excedem os limites da imaginação humana, replicou Loysik estremecendo; e, dirigindo-se a Ronan, acrescentou: Meu irmão, em sinal de respeito às nossas jovens famílias, e em sinal de respeito à tóda a humanidade, peço-te que não acabe...

Tens razão, Loysik, causa horror pensar que a rainha Brunehaut é uma criatura de Deus como nós, e que também como nós... faz parte da espécie humana...

Irmão Loysik, disse um dos frades lavradores, que chegou a correr, bateram à porta do mosteiro...; uma voz respondeu-me que era uma mensagem do bispo de Chalons e da rainha Brunehaut.

Este nome, proferido naquela ocasião, causou profunda admiração e certo receio.

Uma mensagem do bispo e da rainha? excitou Loysik levantando-se, e dirigindo-se para a porta exterior do mosteiro; é singular! O barco de passagem fica amarrado todas as noites, e os vigias têm ordem expressa de não atravessarem o rio depois do sol

pôsto; provavelmente esse mensageiro embarcou em Noisau e subiu o rio.

Assim falando, o superior do convento tinha-se aproximado da porta massiva e ferrolhada por dentro; muitos frades, com arcos na mão, seguiam o superior; Ronan, o moestreiro e grande número de colonos acompanhavam também Loysik; este fez um sinal, a pesada porta girou sobre os gonzos e viraram-se da parte de fora, ao luar, o arcediago e Gondowaldo; o camarista de Brunehaut: atrás destes estavam formados em linha os homens de guerra, com capacetes e coirâncias, escudos sobrecaçados, lanças na mão e espadas ao lado.

Traição! disse em voz baixa Loysik, voltando-se para Ronan; e dirigindo-se a um dos frades, perguntou-lhe:

— Quem estava esta noite de vigia ao barco?

— Os nossos dois padres... ofereceram-se para substituírem nossos irmãos nesta noite de festa.

— Já adivinhou tudo, respondeu Loysik com amargura; e dirigindo-se ao arcediago que tinha parado, assim como a Gondowaldo, no limiar da porta, enquanto a escolta se conservava do lado de fora, preguntou ao guerreiro e ao padre:

— Quem são? que querem?

— Eu chamo-me Salviano, e sou arcediago da igreja de Chalons e sobrinho do venerável Sidônio, bispo desta diocese... Trago-te ordens do teu chefe espiritual.

— E eu sou Gondowaldo, camarista da nossa gloriosa e ilustre rainha Brunehaut, e estou encarregado de prestar o meu auxílio e o do meus homens ao enviado do bispo.

— Aqui está uma carta de meu tio, disse o arcediago apresentando um pergaminho a Loysik: Lé quanto antes o seu conteúdo.

— A minha vista está enfraquecida pelos anos, um dos nossos irmãos lerá esta carta em voz alta.

— Talvez que a carta contenha coisas secretas, disse o arcediago; aconselho-te a que mandes le-la em voz baixa.

Nós não temos segredo uns para os outros... Lé em voz alta, meu irmão.

— Assim falando, o superior do convento tinha-se aproximado da porta massiva e ferrolhada por dentro; muitos frades, com arcos na mão, seguiam o superior; Ronan, o moestreiro e grande número de colonos acompanhavam também Loysik; este fez um sinal, a pesada porta girou sobre os gonzos e viraram-se da parte de fora, ao luar, o arcediago e Gondowaldo; o camarista de Brunehaut: atrás destes estavam formados em linha os homens de guerra, com capacetes e coirâncias, escudos sobrecaçados, lanças na mão e espadas ao lado.

Traição! disse em voz baixa Loysik, voltando-se para Ronan; e dirigindo-se a um dos frades, perguntou-lhe:

— Quem estava esta noite de vigia ao barco?

— Os nossos dois padres... ofereceram-se para substituírem nossos irmãos nesta noite de festa.

— Já adivinhou tudo, respondeu Loysik com amargura; e dirigindo-se ao arcediago que tinha parado, assim como a Gondowaldo, no limiar da porta, enquanto a escolta se conservava do lado de fora, preguntou ao guerreiro e ao padre:

— Quem são? que querem?

— Eu chamo-me Salviano, e sou arcediago da igreja de Chalons e sobrinho do venerável Sidônio, bispo desta diocese... Trago-te ordens do teu chefe espiritual.

— E eu sou Gondowaldo, camarista da nossa gloriosa e ilustre rainha Brunehaut, e estou encarregado de prestar o meu auxílio e o do meus homens ao enviado do bispo.

— Aqui está uma carta de meu tio, disse o arcediago apresentando um pergaminho a Loysik: Lé quanto antes o seu conteúdo.

— A minha vista está enfraquecida pelos anos, um dos nossos irmãos lerá esta carta em voz alta.

— Talvez que a carta contenha coisas secretas, disse o arcediago; aconselho-te a que mandes le-la em voz baixa.

Ainda bem o frade lavrador não tinha concluído a leitura dessa missiva, quando Gondowaldo acrescentou com ar altivo e ameaçador:

— Sim, eu, camarista da gloriosa rainha Brunehaut nossa muito excelente e poderosa senhora, estoupor ela encarregado de te dizer, a ti, frade lavrador, que se tu e os teus tiverem o arrijo de desobedecerem as ordens do bispo, o que é possível suceder é como me faz supor o insolente sussurro que acabo de ouvir, mandar-te hei amarrar a ti e aos mais recalcitrantes à cauda dos cavalos dos meus cavaleiros, e assim os conduzirei a Chalons, apressando a andadura com o cavo da minha lança.

Vinte vezes tinha sido interrompida a leitura da missiva do bispo pelos murmurios indignados da multidão, frades lavradores ou colonos; foi necessário a respeito autoridade de Loysik para conseguir dos circunstantes o silêncio necessário a fim de se poder terminar a leitura da missiva episcopal; mas quando o franco Gondowaldo proferiu em tom provocador as suas insolentes ameaças, a multidão respondeu com uma explosão de gritos furiosos e de escárnio.

Ronan, o moestreiro e alguns velhos Vagros, não foram os últimos a revoltar-se contra as pretensões explodadoras do bispo de Chalons, que queria simplesmente apropriar-se dos bens dos frades lavradores e dos colonos, contra todo o direito. Posto que encanecidos pelos anos, os Vagros sentiram fervor-lhe nas veias o antigo sangue que os incitava ao combate. Ronan, homem activo, lembrando-se da sua antiga profissão, disse em voz baixa ao moestreiro, com entusiasmo:

— Leva contigo vinte homens resolutos; elos encontrará armas no arsenal, e corre ao barco de passageiros a fim de cortar a retirada a estes franceses... Eu me encarrego do resto; a fé de Vagro... sinte-me no vigor da idade, e como se tivesse de menos cincuenta anos!

— Eu, Ronan, durante a leitura da carta desse insolente bispo, é muito principalmente quando ouvi falar o servo dessa rainha infame, vinte vezes procurei uma espada ao lado.

E os dois Vagros andaram de um para outro lado,

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. É a ignorância. Como aniquilar?

Lendo, lendo muito, lendo sempre o refletindo no que se lê.

Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, daí a necessidade de saber mais.

E assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

Publicações sociológicas

	Pelo correio
Organização Socialista Russa... Antonelli, A. Rossi da Cidade & Comuna: A maçonaria e o proletariado... Fácia Luta... Sindicatos e os lutadores... Briand, A. greve geral... Bacunino, No sentido em que somos anarcistas... Garos, Matos, Proletariado... União, Porque não é... P. R. M. — O amor livre... Monten, Coisa obscena... Doutor, — a... X. M. — Proprietares e arrendatários... Eusébio, Régis, A. Voluntários e a burguesia... Novant, A. Amizade... Eusébio, Régis, A. Amizade... Leo, William, Renato dos congressos 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 72	